

“Nenhum país pode ter um plano de saída do euro credível”

Yanis Varoufakis reconhece que, ao fim de meses de discussão na Grécia, da qual foi um dos principais protagonistas, “nada mudou”. A culpa, diz, foi da falta de democracia na União Europeia. Sobre Portugal, afirma que “está tão falido como a Grécia”. Este sábado, estará em Coimbra

Entrevista Vitor Belanciano e Sérgio Aníbal

Saltou para as primeiras páginas dos jornais a partir do momento em que se tornou ministro das Finanças grego em Março deste ano. Agora, já afastado do Syriza de Alexis Tsipras e sem esperança de que a Europa possa mudar a partir das políticas nacionais, Yanis Varoufakis vai estar este sábado na Universidade de Coimbra, a convite do Centro de Estudos Sociais (CES), para uma palestra intitulada *Democratização da Zona Euro*, sobre aquilo que diz ser o défice de democracia na UE e na zona euro.

Olhando para trás, para estes meses de negociações na Europa, há alguma coisa agora de que se arrependa?

Não, nem por isso. Claro que, podendo olhar para trás, toda a gente faria ajustamentos. Se tivesse sabido em Janeiro aquilo que sei agora, claro que tomaria vários passos diferentes daqueles que tomei, mas aquilo onde a sua questão quer chegar, suspeito, é a de saber se eu acho que cometemos erros substanciais na nossa tática de negociação. E aí a resposta é um enfático não. Verdadeiramente, não houve negociações. Do outro lado, a *troika*, posso confirmar agora, simplesmente não estava interessada em negociar. E tinha um único objectivo em mente, que era o de derrotar um Governo que foi eleito para desafiar a lógica de um programa que foi imposto à Grécia durante cinco anos. E foi isso. O meu grande erro foi imaginar que esta era uma negociação honesta e genuína. Nunca foi isso.

Mas não era claro desde o princípio que o sucesso do Governo grego nessa negociação só era possível se tivesse aliados no Eurogrupo ou, pelo menos, parte significativa da opinião pública europeia do seu lado? O que é que correu mal?

Bem, o que correu mal é que a

Europa não é democrática. Nunca nos foi dada a oportunidade de explicar as nossas propostas à opinião pública europeia. E mesmo os ministros das Finanças da zona euro não foram totalmente e adequadamente informados sobre o que estávamos a propor. As negociações aconteciam à porta fechada, entre nós e a *troika*. Os ministros das Finanças nunca recebiam os documentos que continham as nossas propostas, nem olhavam sequer para as exigências da *troika*. E isto é um fracasso claro do processo de decisão na Europa.

Mas a verdade é que não conseguiram trazer ninguém para o vosso lado.

Nós tínhamos a lógica do nosso lado e se houvesse um fórum em que pudéssemos realmente apresentar a nossa lógica a outros ministros das Finanças, aos parlamentos, à opinião pública, não tenho dúvidas que a nossa lógica prevaleceria. O problema é que no secretismo que domina o processo de decisão na Europa não há espaço para a lógica prosperar. **Não houve qualquer vantagem em todo o processo negocial?** Se a nossa negociação de cinco meses ao nível do Eurogrupo serviu para alguma coisa, foi para dar à Europa uma imagem clara do défice democrático existente. Tornou-se claro para todos, e antes não era, que todas as decisões

“Se houvesse um fórum em que pudéssemos apresentar a nossa lógica a outros ministros das Finanças, aos parlamentos, à opinião pública, não tenho dúvidas que a nossa lógica prevaleceria”

importantes são tomadas no Eurogrupo, que não existe em lei e que não está sujeito a regras escritas que sejam transparentes. As decisões e as discussões são conduzidas em total segredo. O vosso Parlamento, em Lisboa, não tem qualquer acesso ao que se passa lá e mesmo a vossa ministra das Finanças não tem todos os factos relevantes para uma boa decisão. Isto é claramente a inexistência de democracia.

Isso acontece por causa da submissão da política aos interesses económicos?

Se não se tem uma democracia, duas coisas acontecem. As decisões económicas que são tomadas tendem a ser ineficientes na busca do interesse geral dos europeus. Por isso acabámos com uma crise que não tinha de acontecer, acabámos com um fracasso da economia da zona euro para recuperar decisivamente da crise e afastar as suas tendências de recessão. E, em segundo lugar, sem democracia, ficámos à mercê do domínio dos interesses. Eu não diria interesses económicos, porque todos temos interesses económicos.

E, na estratégia do Governo grego, não houve uma falha ao ser tão agressivo sem que houvesse um plano B credível de saída do euro?

Nenhum país pode ter um plano de saída do euro credível. Assim que se está dentro da união monetária, qualquer tentativa de sair está repleta de enormes perigos e custos gigantescos. Estamos todos presos numa zona euro que temos a obrigação de melhorar. A ameaça credível que nós tínhamos e que todos têm na zona euro é o *default*. É a única coisa que se pode fazer na zona euro por forma a mostrar rejeição das políticas que estão a ser impostas.

E um *default* não conduz à saída do euro?

Se a zona euro não consegue suportar um Estado-membro em *default*, então é porque não está bem construída.

Nos últimos meses, aquilo que aconteceu na Grécia tem sido

usado pelos partidos de direita em países como Espanha e Portugal como um argumento eleitoral. O Podemos, por exemplo, caiu muito nas sondagens. Reconhece a existência deste efeito grego?

Claro. E é por isso mesmo que o povo grego vai ser forçado a suportar mais um programa que toda a gente sabe, incluindo os que o desenharam, que vai falhar. Porque é que Alexis Tsipras foi forçado à submissão? Porque é que fomos forçados a aceitar um programa que, com precisão matemática, vai conduzir a uma deterioração da crise económica? Tudo isto serviu para que líderes como o sr. Rajoy pudessem depois virar-se para as suas populações e dizer: “Vêem, é isto que acontece se se atreverem a eleger um Governo que desafia a lógica da *troika*”.

Há dias, Angela Merkel e François Hollande afirmaram, no contexto da crise dos refugiados, que é preciso uma Europa mais unida. Como interpreta essas palavras?

Bem, é inacreditável que alguém possa imaginar que se pode ter uma divisa comum sem ter uma união política adequada. A forma como se construiu a zona euro reflecte o total fracasso em compreender aquilo que é necessário para garantir uma união monetária bem-sucedida. Para a união monetária sobreviver, a união política vai ter de acontecer, quer se goste disso ou não. A grande questão que se coloca, e a que temos de responder colectivamente, é que tipo de união política vamos ter. Vai ser democrática? Vai ser politicamente sustentável? É que não nos podemos esquecer que a União Soviética era uma união política e não resultou lá muito bem. A questão não é saber se devemos ter uma união política, mas que tipo de união política devemos ter. **Tem mostrado algum cepticismo, neste cenário de fragmentação, em relação à possibilidade uma Europa federal.**

Eu acho que seria óptimo termos uma Europa federal que fosse



democrática. Seria fantástico. Quem me dera ter um botão em que pudesse carregar e que criasse automaticamente uns Estados Unidos da Europa que fossem democráticos. O problema é que a forma como construímos a União Europeia há muito tempo e a zona euro nos anos 90 levou a que, em vez de reagirmos perante esta crise, separámo-nos ainda mais. Para termos uma boa discussão sobre como aprofundar a união, temos primeiro de estabilizar a nossa economia, e, para isso, temos de tomar medidas imediatas, usar as instituições que temos, para fazer quatro coisas ao mesmo tempo. Unificar parte das nossas dívidas. Isso permitiria criar um *new deal* em larga escala, que possa enfrentar o problema

“Chegou a altura de os cidadãos se juntarem num movimento pan-europeu, recusando a forma como a zona euro é governada”



ARIS MESSINIS/AFP

grave de subinvestimento que temos actualmente. Em terceiro lugar, criar uma verdadeira união bancária. E, por fim, criar um fundo para combater a pobreza na União Europeia e na zona euro. É possível fazer isto com os actuais tratados, desde que haja vontade política. Se o fizermos nos próximos anos, a Europa vai voltar a convergir e poderemos ter uma conversa sobre que tipo de federação queremos.

A situação em Portugal é parecida com a da Grécia?

Esta crise que começou em 2010 criou uma avalanche de idiotice e fragmentação. Os irlandeses dizem que não são como os portugueses, os portugueses dizem que não são como os gregos, os franceses dizem que não são nada

como os espanhóis, os alemães dizem que não são nada como os franceses. Isto é um reflexo claro da fragmentação porque a Europa está a passar. A verdade é que fomos todos apanhados na mesma crise. A Grécia e Portugal são muito semelhantes em muitas coisas importantes e bastante diferentes noutras. Mas a semelhança em que Portugal precisa de se concentrar é que ambas as economias foram apanhadas numa armadilha de deflação e dívida da qual não conseguimos sair, simplesmente por via de uma melhor governação ao nível do Estado.

Não está impressionado com o crescimento que Portugal regista?

Em Portugal, pode haver quem celebre a recuperação. Mas não há

uma recuperação em Portugal. É unimaginável caracterizar aquilo que acontece no último ano e meio em Portugal como uma recuperação. A dívida portuguesa agregada, pública e privada, é insustentável. Por isso, Portugal está tão falido como a Grécia. Na Grécia, temos mais dívida pública do que privada. Em Portugal, é o inverso. Mas os dois países estão presos a um equilíbrio de taxas de juro e inflação muito baixas que torna o crescimento real que é preciso para sairmos da crise totalmente impossível, a não ser que a Europa mude substancialmente.

Sugere que Portugal também deveria renegociar a sua dívida?

A questão não pode ser resumida assim. Essa renegociação acabará

por acontecer de uma forma ou de outra. Uma dívida insustentável não é sustentável. É simples. A questão é como podemos, na Grécia, em Portugal e na Europa, ser eficazes e enfrentar esta crise global, a crise das dívidas, os problemas sérios do sector bancário, o fraco investimento e a pobreza. Estes são os pontos que têm de ser enfrentados em simultâneo. Não vale a pena olhar para cada um isoladamente, porque estão todos interligados. Deparamo-nos com um sistema de equações, com muitas incógnitas, que têm de ser resolvidas em simultâneo. É isso que temos de fazer a nível europeu. Em Portugal, em particular, o nível de agitação social poderá não ter sido semelhante ao da Grécia e alguns políticos poderão ter conseguido fazer passar a imagem que estão em melhor situação do que nós, por uma razão simples: a Grécia falhou primeiro e a *troika* concentrou aí toda a sua força austeritária. Na verdade, Portugal beneficiou do facto de a *troika* ter sido mais cuidadosa na aplicação da austeridade, mas estamos na mesma situação, fazemos ambos parte da mesma eurozona que não encontrou uma maneira de coordenar as suas políticas. A crise é colectiva, não é de nenhum país em particular.

Refere que a saída para a crise terá de ser europeia, o que significa que terá de existir uma inversão de políticas em muitos países. Recentemente, Jeremy Corbyn foi eleito para a liderança do partido trabalhista britânico, construindo uma forte base de apoio entre os jovens. Constituiu um sinal de que essa inversão poderá acontecer?

A forma como a Europa se foi despolitizando nos processos de decisão nos últimos quinze anos teve efeitos na qualidade dos políticos. Passamos o tempo a dizer que não temos os mesmos líderes que já tivemos no passado, o que não surpreende, porque fomos despolitizando os processos de decisão. Qualquer mudança, ou qualquer reacção, que sirva para contrariar esse cenário, e que estimule as pessoas a participar na política, no sentido da rejeição dessa despolitização da política, só pode ser um bom desenvolvimento.

Não lhe parece que muitas das



Ler entrevista na íntegra em www.publico.pt

mudanças que a nova esquerda europeia deseja só serão possíveis, ou consolidadas, com um outro nível de consciência política da parte dos cidadãos?

Sim, claro. Nenhum partido político consegue mudar esse cenário de despolitização quando a Europa regrediu tanto nas suas tradições democráticas. A minha esperança é que a crise interminável que teve início em 2008 acabe por forçar a maior parte das pessoas, nos seus respectivos países, a levantar-se, a zangar-se e a rejeitar a narrativa dominante, desenvolvendo uma nova consciência política que é essencial para mudar a Europa.

Regressando à Grécia. No momento actual, antecipa novos problemas nas negociações entre a *troika* e o novo Governo ou parece-lhe que será tudo mais tranquilo?

A pergunta parte da assunção de que existem negociações, mas elas não existem. O Governo grego rendeu-se. Foi neutralizado. É por isso que não o integro. O Governo grego aceita tudo o que a *troika* enuncia. O problema é que as políticas ditadas pela *troika* já falharam no passado. Foram, aliás, desenhadas para falhar. Não existe forma de alcançarem as metas a que se propõem, pelo que não estaremos perante um cenário em que temos um Governo a violar as suas promessas, mas sim um quadro em que essas políticas serão rejeitadas pela realidade.

Todos estes meses de discussão, a sua acção, acabaram por não mudar nada?

Nada mudou. O ponto é esse.

Vê como possibilidade o surgimento de uma força política à esquerda do Syriza e estaria disponível para a integrar?

Tivemos uma grande oportunidade para mudar, não apenas a Grécia, mas a Europa, mas falhámos essa oportunidade. Não acredito, agora, que seja possível mudar a Europa, a Grécia ou Portugal, ao nível da política nacional, por isso não estou motivado para formar novos partidos, ou para tentar mudar Alex Tsipras. Acredito profundamente que a crise é pan-europeia, é uma crise da zona euro, e que chegou a altura de os cidadãos europeus se juntarem para formarem um movimento pan-europeu, recusando a forma como a zona euro é governada.